

A DIALÉTICA D'O CAPITAL ENQUANTO CRÍTICA AO IDEALISMO

Viviane Fernandes¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

RESUMO: O presente artigo faz uma reflexão da relação entre Marx e Hegel, e sobre quais críticas ele tece ao idealismo hegeliano. A questão a ser vista diz respeito a em que medida Marx mesmo criticando o idealismo foi capaz de usar o método dialético que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto. Porém, como o próprio Marx anunciou no Posfácio da segunda edição d'*O Capital*, ele inverte a dialética de Hegel, essa seria então a grande divergência metodológica entre eles. Deste modo, trataremos da relação entre Hegel e Marx no que diz respeito a inversão aplicada por Marx ao método dialético e ao começo da ciência segundo Hegel. Para isso, discutiremos a abordagem de Hegel quanto ao começo científico, de onde Marx extrai o seu método de exposição, para depois discutirmos sobre o método dialético de elevar-se do abstrato ao concreto no intuito de melhor compreender o ponto de partida abstrato e como Marx inverte a dialética de Hegel.

Palavras-chave: dialética, capital e idealismo

ABSTRACT: This article reflects on the relation between Hegel and Marx and his criticism of the Hegelian idealism. The main question addresses the extent to which Marx was able to use the dialectical method, which goes from the abstract to the concrete, since he criticized idealism. Marx himself did announce in the epilogue of the second edition of *Capital* that he inverted Hegel's dialectic, which became a great methodological divergence between them. Thereby, we will address the relationship between Hegel and Marx regarding the inversion applied by Marx to the dialectical method and to the beginning of science according to Hegel. For this purpose, first we will address Hegel's approach regarding the beginning of science, from which Marx extracts his exposition method, and then, we will discuss the dialectical method evolution that goes from the abstract to the concrete in order to better understand the abstract starting point and how Marx did invert Hegel's dialectic.

Keywords: dialectics, capital and idealism

INTRODUÇÃO

Estudar Marx à luz de Hegel faz parte da tradição, pois o próprio Marx no Prefácio d'*O Capital* se refere a Hegel e admite que em sua exposição resolveu seguir o método dialético. Porém, com uma significativa ressalva, que ia colocá-lo de ponta cabeça. Essa colocação do Marx resultou em uma série de pesquisas sobre a sua relação com Hegel e

¹ Doutora em Filosofia pela UFBA, Universidade Federal da Bahia e pós-doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela UNIOESTE, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: vfernandes32@gmail.com

a uma tendência de se olhar Marx sobre a ótica hegeliana. Logo, estudar Marx implica em estudar Hegel.

A influência de Hegel era considerável e não é possível compreender o trabalho básico de Marx, *O Capital*, sem o conhecimento das principais obras que contribuíram para a formação e desenvolvimento de seu pensamento, *Fenomenologia do Espírito*, a *Lógica*, e a *Filosofia do Direito*. É certo que Marx leu essas obras de perto e desenvolveu seu pensamento a partir delas, às vezes inspirado pelo idealismo e outras vezes rejeitando-o. (HYPPOLITE, 1973, p. 128)

Por esse motivo discutiremos mais profundamente a relação entre eles. O problema sobre o qual estamos tratando, aqui, diz respeito à questão do começo científico em Marx, logo, verificaremos a relação que o mesmo tem com o começo da filosofia segundo Hegel, problema exposto na *Ciência da Lógica*, portanto, iremos nos debruçar no estudo desta obra para melhor entender o nosso objeto de pesquisa. A discussão que segue busca primeiro entender como funciona a lógica hegeliana e compará-la com a lógica expositiva d'*O Capital* de Marx. Porém, é bom lembrar que Hegel não foi o único a influenciá-lo, contamos com uma extensa riqueza de leituras feitas por ele à escrita d'*O Capital*. E, quanto a isso, Hyppolite (1973, p. 29) reforça: “Na leitura de *O Capital*, encontra-se uma riqueza impressionante quanto à documentação econômica, histórica e filosófica. Marx se refere à Economia de Aristóteles, onde ele é um excelente comentador, tanto quanto de economistas ingleses e franceses de sua época”.

Visto que Marx procura começar pela ciência e, por isso, justifica o caráter abstrato e difícil do seu primeiro capítulo, cabe aqui fazer a análise do entendimento de Hegel sobre a lógica para compreendermos em que medida Marx rompe com ele, ou não. É importante destacar que a análise feita é apenas da introdução do texto de Hegel, e serve para nos dar apenas uma pequena referência de alguns conceitos importantes que servirão para clarear a compreensão da exposição feita por Marx.

O CONCEITO DE LÓGICA

Hegel, na introdução da *Ciência da Lógica*, começa contrapondo o conceito de lógica de seu tempo com o que ele pensa ser a lógica. Conceitua a lógica da ciência como aquela que sempre procura começar pelo objeto, pelo mundo fora do sujeito, sem reflexões anteriores, sem conhecimentos *a priori*, e onde objeto e método se diferenciam. Assim, o conhecimento sobre o objeto não é um conhecimento absoluto, mas sim um

conhecimento relacionado a outros, depende de outros conceitos e assuntos. Segundo Hegel (1956, p. 57):

Na lógica, mais do que em qualquer outra ciência, se sente a necessidade de começar pelo próprio objeto, sem reflexões preliminares. Em qualquer outra ciência, o objeto da mesma e o método científico se diferenciam um do outro; uma vez que o conteúdo não constitui um conhecimento absoluto, mas que depende de outros conceitos e mantém conexão com outros assuntos ao seu redor.

A lógica da ciência entende o começo científico começando pelo objeto empírico, sem reflexões, diferencia o objeto do método científico. Ressalta que o conteúdo vem da relação do objeto da ciência com outros e, por isso, não se configura como um conhecimento absoluto. Assim se justifica as ciências falarem tanto de seus fundamentos, de seus pressupostos, pois se refere a essas relações necessárias para a construção do conteúdo. Porém, é preciso partir de conceitos até então já conhecidos para depois se fazer as conexões com os conteúdos gerais que se quer estabelecer.

Por isso as ditas ciências permitem falar tanto de seu fundamento e de suas conexões bem como do método apenas por slogans; podem adotar diretamente as formas das definições pressupostas como conhecidas e aceitas, e servir de forma ordinária de raciocínio para estabelecer os seus conceitos gerais e suas determinações fundamentais. (HEGEL, 1956, p. 57)

A lógica, segundo Hegel, não pode deixar de lado “nenhuma das formas de reflexão, ou regras e leis do pensamento, pois elas constituem uma parte de seu conteúdo próprio e têm que ser primeiramente fundamentadas na lógica mesma” (HEGEL, 1956, p. 57). Assim, Hegel demonstra a importância de que o pensamento tem na construção do conhecimento, onde parte do seu conteúdo é constituída pela própria estrutura do pensamento. Neste caso, o conteúdo da lógica é não só a exposição do seu método científico como também o próprio conceito da ciência em geral. Porém, o seu conceito só pode ser dado no final, como resultado último, não pode ser dado no início, pois só se completa ao longo da exposição; só se pode ter um conhecimento dela mesma ao final, na conclusão.

O objeto da lógica proposto por Hegel é o próprio pensamento e não um objeto externo, fora do sujeito. Para ele é o pensamento que concebe a lógica, sendo assim, parte inseparável dela e, por esse motivo, não pode defini-la antes de se realizar.

A DIALÉTICA D'O CAPITAL ENQUANTO CRÍTICA AO IDEALISMO

Da mesma maneira seu objeto, o *pensamento*, ou com mais precisão, o *pensamento que concebe*, é tratado essencialmente como parte intrínseca dela; o conceito deste pensamento se engendra no âmbito da lógica e não pode por isso proporcioná-lo previamente. (HEGEL, 1982, p. 57-58)

Hegel critica o fato de se entender a lógica como “a ciência do pensamento em geral”, visto que isso pressupõe a aceitação de que ela não contém em si o conteúdo, o qual viria de fora, observe:

Ao aceitar que a lógica seja a ciência do pensamento em geral, se entende assim que este pensamento constitui a *pura forma* de um conhecimento, que a lógica faz abstração de qualquer *conteúdo* e que o chamado segundo *elemento*, que pertencem a um conhecimento, quer dizer a *matéria*, deve ser trazido de outra parte. (HEGEL, 1956, p. 58)

Vista por esse prisma, a lógica apresenta somente as condições formais para o conhecimento verdadeiro e não o conhecimento em si. E neste caso, o conhecimento verdadeiro é trazido do mundo, de fora do sujeito, o que cria um problema: o de que a verdade não pode estar contida na lógica, a qual só possui as condições para que ela seja apreendida; deste modo, a verdade só pode ser buscada fora da estrutura do pensamento, fora da própria lógica para Hegel. Estando o conteúdo fora da lógica, então ela não teria a capacidade de por si alcançar a verdade.

Deste modo a lógica, como se a matéria fosse de todo independente dela, deveria apresentar somente as condições formais do conhecimento verdadeiro, sem conter por si mesma a verdade real; e tampouco poderia ser o *caminho* para alcançar a verdade real, justamente porque o elemento essencial da verdade, isto é, o conteúdo, se encontra fora dela. (HEGEL, 1956, p. 58)

Neste ponto temos a posição da lógica formal, onde o conhecimento só pode ser encontrado fora do pensamento, mas ao mesmo tempo precisa ser apreendido pelo mesmo. Ou seja, para que um conhecimento seja dado, faz-se necessário tanto o mundo material como a capacidade de conhecer².

Posto o conceito de lógica construído até então, Hegel (1956, p. 58-59) se ocupa em criticá-lo ainda mais e faz mais três observações:

² Segundo Marcuse (2004, p. 113): “A enorme diferença entre a *Lógica* tradicional e a *Lógica* de Hegel é acentuada, frequentemente, pela constatação de que Hegel substituiu a lógica formal pela lógica material, deixando de lado a separação habitual entre as categorias e formas do pensamento, e o seu conteúdo.”

1. É inapropriado dizer que a lógica faz abstração de qualquer conteúdo, que se refira somente às regras do pensar, sem penetrar no que está sendo pensado, sem adentrar o conteúdo desse pensamento. Esse argumento pressupõe a existência de uma matéria, a qual a lógica deve preocupar-se.

2. As representações sobre a lógica, até agora, estão em parte se extinguindo; já é tempo de desaparecerem, e de que o ponto de vista dessa ciência seja visto de forma mais elevada e totalmente modificada. Porque o que se tem é uma separação entre a consciência do conteúdo do conhecimento e a forma deste, ou seja, a separação entre *verdade* e *certeza*. Onde a matéria do conhecimento existe como um mundo acabado, em si e por si, fora do pensamento, sendo o pensamento vazio, extrínseco à matéria, que se preenche dela e somente assim adquire um conteúdo e se converte em conhecimento real. Sendo a matéria, o objeto, algo por si completo e acabado; enquanto que o pensamento, pelo contrário, algo imperfeito, que necessita se completar primeiro com uma matéria.

3. Dado a diversidade entre a matéria e a forma, entre o objeto e o pensamento, para não serem deixados em nebulosas indeterminações, devem se constituir em esferas distintas. Então, o pensamento quando apreende e forma a matéria não sai de si mesmo; seu ato de apreender a matéria e de moldar-se a ela não é mais que uma modificação de si mesmo, sem que por isso se transforme em outro diferente dele mesmo. Sendo assim, a determinação autoconsciente pertence somente ao pensamento, que não consegue sair de si mesmo e chegar ao objeto. Deste modo, o objeto segue sendo, como uma coisa em si, como algo além do pensamento.

Mas, ao ser transferido para a razão, como se a mesma relação existisse nela, e se esta relação contivesse em si e por si a verdade, estes prejuízos se convertem nos erros cuja refutação, praticada por todas as partes do universo espiritual e natural, é a filosofia; o melhor dito, os erros, que por obstruir o acesso à filosofia, têm que ser abandonados no umbral do mesmo. (HEGEL, 1956, p. 60)

Para Hegel, essa relação sujeito-objeto não passa de uma questão fenomenológica, que diz respeito à natureza de nossa consciência ordinária, e, se a razão for tratada da mesma maneira, permaneceremos no umbral, na obscuridade das coisas. Hegel refuta a possibilidade de a razão ser tratada como se a relação sujeito-objeto existisse nela. Segundo Taylor (2014, p. 253), para Hegel: “O pensamento e as determinações através das quais ele opera (as *Denkbestimmungen* ou categorias) não são o apanágio de um

sujeito em oposição ao mundo, mas residem na raiz mesma das coisas.” O pensamento racional, para Hegel, é portanto o conhecimento do espírito sobre si mesmo.

Na tentativa de resolver o problema posto acima, Hegel (1956, p. 60) retoma a antiga metafísica, que para ele, ainda assim, possui um conceito de pensamento mais elevado do que os dos seus dias, pois dá um *status* melhor ao pensamento. Para ela (a antiga metafísica), o que conhecemos pelo pensamento sobre as coisas é o que temos de verdadeiro. E que o pensamento e as determinações do mesmo expressam a essência do objeto, não sendo algo estranho a ele. Assim, as determinações imanentes e a natureza verdadeira das coisas constituem um só e um mesmo conteúdo.

O problema é que com o passar do tempo o entendimento *reflexivo* se apodera da filosofia e, com isso, ganha outros sentidos, chegando ao ponto de ser compreendido como o entendimento que abstrai, ou seja, que separa. Assim a verdade passa a ter relação somente com a percepção sensível, que daria o conteúdo; e a razão, ao permanecer em si e por si, criaria apenas quimera. Deste modo, a razão perde mais uma vez a sua relação com a verdade das coisas, e, junto com isso, o conceito de verdade também. Sobra para a razão apenas a verdade subjetiva, a aparência, ou seja, somente aquilo que não corresponde à natureza do objeto. Para Hegel (1956, p. 61), o saber volta a reduzir-se à opinião.

Ao mesmo tempo, percebe-se que a experiência sensorial também tem problemas, pois se sabe que esse conhecimento é um conhecimento das aparências, deste modo, seu caráter também se torna insatisfatório. A saída então está em admitir que se não é possível conhecer corretamente a coisa em si, o que resta é conhecer a esfera do fenômeno (HEGEL, 1956, p. 61). Para Hegel, o problema de toda essa inconsistência reside no fato de a lógica está sendo tratada sem atenção para o seu significado metafísico, ou seja, acaba-se procurando nela características da ordem do mundo dos objetos, mantendo-se uma oposição desnecessária, a oposição sujeito-objeto, pois deste modo acabamos por separar o estudo do conceito do estudo da realidade:

Esse dualismo duplo naturalmente nos leva a pensar que um estudo de conceitos é totalmente distinto de um estudo da realidade, e, mais particularmente, que as relações necessárias entre conceitos que podemos descobrir a partir de tal estudo de modo algum nos permite concluir que haja relações necessárias entre as coisas às quais eles se aplicam. A Lógica, enquanto estudo dessas relações, é, por conseguinte,

necessariamente formal, atinente à nossa maneira de pensar e não aos conteúdos sobre os quais pensamos. (TAYLOR, 2014, p. 253).

Deste modo, Hegel (1956, p. 64) entende que o problema da carência de conteúdo das formas lógicas está na maneira de considerá-las e de tratá-las, pois ela acarreta em dualismo (sujeito-objeto / estudo do conceito-estudo da realidade). As formas mortas são aquelas com determinações firmes, onde não reside o espírito e, por isso, carecem de um conteúdo sólido, ou seja, de uma matéria, pois assim teria em si mesmo um conteúdo válido. Já o conteúdo, que as formas lógicas carecem e que se busca em seu exterior nada mais é que uma base firme e uma concretização de suas determinações abstratas onde, na verdade, a razão lógica já é o substancial, o real, que contém em si todas as determinações abstratas e constitui sua unidade sólida, absolutamente concreta. Assim, se a lógica (formal) carece de conteúdo, não é culpa de seu objeto e sim da maneira como esse objeto é concebido.

O conteúdo de que carecem as forma lógicas não é outra coisa senão uma base e uma concreção firmes dessas determinações abstratas; e uma tal essência substancial costuma-se procurar fora dela. A razão lógica mesma, porém, é o substancial ou o real, que mantém unidas todas as determinações abstratas e é sua unidade consistente, absolutamente concreta. (HEGEL, 2011, p. 27)

No estado que a lógica se encontra apenas se reconhece nela indícios do método científico. Para dar vida, substância e conteúdo a seu esqueleto morto é necessário que seu método seja capaz de constituir uma ciência pura (HEGEL, 1956, p. 70), e é isso que Hegel se propõe a fazer. Hegel entende a lógica como a ciência do pensamento puro, cujo princípio está no *puro saber*, que é a unidade abstrata, concreta e vital, onde a oposição entre o subjetivo (o que existe por si) e o objetivo (ser semelhante) é superada. Destarte, o Ser passa a ser conhecido como puro conceito em si mesmo e como verdadeiro Ser. Esses momentos passam a ser vistos como inseparáveis, e não mais como se cada um existisse por si mesmo (HEGEL, 1956, p. 78-79).

A lógica teria de ser desse modo inicialmente dividida na lógica do *conceito como ser* e do conceito *como conceito* ou – na medida em que nos servimos das restantes expressões comuns, embora as mais indeterminadas e, por isso, as mais polissêmicas – na lógica *objetiva* e na lógica *subjetiva*. (HEGEL, 2011, p. 41)

Entre Marx e Hegel existem algumas diferenças importantes, em Marx há uma distinção entre o movimento do real e sua produção conceitual:

A diferença entre Hegel e Marx aqui é que a reprodução conceitual não é ela mesma o próprio processo de constituição e reprodução do capital enquanto capital: numa palavra, a exposição dialética em Marx pressupõe a distinção entre o processo histórico e sua reprodução ideal. (OLIVEIRA, 2004, p. 25)

Marx utiliza a dialética enquanto método de exposição da ideia, ele não entende que o processo histórico seja uma exteriorização do pensamento, quer dizer, não entende que o mundo é um resultado da ideia como Hegel instituiu na sua abordagem acerca da dialética e da própria lógica.

A Ciência da Lógica se apresenta como exposição sistemática das categorias do pensamento puro enquanto formas de concepção da realidade, com o intuito de fundar o próprio conceito de ciência (filosófica) e de método. Ela pretende, assim, justificar o seu único pressuposto, o de que a razão, especificamente, o conceito enquanto idéia, tem em si a força infinita de sua auto-realização. (MÜLLER, 1982, p. 20)

Pode-se observar que o método exposto por Hegel pretende demonstrar a autorrealização da razão, aspecto no qual se difere do pensamento de Marx³. Entretanto, mesmo com essa diferença, podemos, ainda assim, fazer uma série de mediações entre os dois, em virtude de Marx utilizar o método hegeliano principalmente enquanto método de exposição teórica, o que Hegel não deixa de fazer também, observe:

O conceito de “exposição” na **Ciência da Lógica** está, assim, vinculado intimamente a um projeto de autofundação da razão e do próprio método, enquanto este nada mais é do que a forma do automovimento do conteúdo enquanto ela [a razão] tem consciência de si. Dialética designa, aqui, genericamente, a exposição do movimento lógico do conteúdo (da coisa concebida, “**Sache**”) enquanto é este movimento que preside ao desdobramento das determinações do conteúdo e se constitui, desta maneira, como o seu método. (MÜLLER, 1982, p. 20)

Sendo assim, seguiremos analisando esse aspecto do método de Hegel, enquanto exposição das categorias do pensamento, e procuraremos extrair dele as suas similitudes

³ É importante destacar aqui que “o objeto de Marx – o capital – não tem consciência de seu poder de realização e de sua racionalidade imanente [...], que devem ser descobertos como “nexo interno” pela pesquisa prévia, até porque o “movimento efetivamente real” do objeto não consciente de si pode se dar sob formas que invertem e ocultam o seu “nexo interno”, na esfera da circulação de mercadorias e da concorrência” (GRESPLAN, 2012, p. 33). A capacidade do capital de se autorrealizar é dada pelas relações sociais entre os homens, pode nos parecer até um movimento do próprio capital, porém, a alerta que Marx nos quer dar é que esse movimento de autorrealização é dado pelos próprios homens e não pelo capital em si. Marx também nos mostrou de onde essa aparência de vida própria do capital surge, esse é o trabalho realizado por Marx em sua exposição, demonstrar que esse sistema não possui vida própria, que ele é uma criação social e que socialmente pode ser superado, não existem forças invisíveis, as forças são sociais, concretas, reais.

com a exposição de Marx. Vejamos na parte que segue a questão do começo científico explicitado por Hegel e a utilização dele enquanto processo de exposição teórica.

O SER E O COMEÇO

Marx em carta redigida para Engels, em 16 de janeiro de 1858, demonstra de onde tira o método aplicado por ele, dizendo: “O que foi de grande utilidade para mim relativamente ao método de tratamento foi a Lógica de Hegel, em que eu acabei olhando por mero acidente” (MARX, 1858). Assim, antes de escrever *O Capital*, Marx relê a *Ciência da Lógica* de Hegel e, então, decide o modo pelo qual irá expor suas ideias. Deste modo, resolve utilizar a dialética exposta por Hegel para apresentar o seu pensamento, porém, desmistificando-a, e deste modo procura iniciar sua exposição pelas categorias mais simples e puras para, aos poucos, ir se aproximando gradativamente das categorias mais determinadas, e mais complexas. Iremos analisar agora o que é esse começo simples, indeterminado, geral, abstrato, universal⁴, o qual Marx perseguiu reescrevendo constantemente o primeiro capítulo de sua obra e como ele procura desmistificar a dialética hegeliana. Vejamos como a lógica de Hegel orienta Marx na forma como ele articula os conceitos das categorias econômicas em sua exposição.

A *Lógica*, por conseguinte, apresenta uma cadeia de conceitos necessariamente conectados que fornecem a estrutura conceitual da realidade. Isso nos permite responder de modo mais satisfatório a questão posta anteriormente sobre o que Hegel considera um conceito categorial. Partindo do conceito geral mais pobre, mais generalizado e mais irrecusável, a saber, “ser”, a cadeia de conceitos que é gerada no movimento dialético constituirá a lista de categorias, isto é, os conceitos gerais indispensáveis à descrição da realidade. (TAYLOR, 2014, p. 259)

E é deste modo que Marx trata as categorias em *O Capital*, procura começar pelo conceito mais geral e mais simples, pelo mais abstrato, esse esforço teórico o leva a reescrever tantas vezes o capítulo primeiro de sua obra, na busca constante da categoria mais abstrata, capaz de se desdobrar nas categorias mais concretas. A dúvida, aqui, recai

4 “Se este universal deve de fato ser o começo e a base de toda determinação subsequente, não pode ser determinado, pois, neste caso, nem poderia ser o primeiro, nem o começo. A razão pela qual este universal não pode ser determinado, sendo um começo, está no fato de que tudo o que é determinado depende daquilo que o determina e, por isso, não é o primeiro” (MARCUSE, 2004, p. 119). E no caso de Marx, é a mercadoria, ou melhor, o valor da mercadoria que acaba por determinar as relações da sociedade capitalista de produção.

sobre a determinação ou a indeterminação dessa categoria mais geral, quer dizer, em que medida ela é imediata ou mediata.

Em a *Ciência da Lógica*, Hegel inicia discutindo por onde deve começar a ciência, se pelo mediato ou pelo imediato, a questão lançada por ele visa descobrir o princípio do pensamento e de tudo que existe no mundo. Em Marx, esse é o aspecto científico do ponto de partida, é aí que se encontra o problema do começo científico o qual Marx procura encontrar. “O começo da filosofia deve ser *mediato* ou *imediato*, e é fácil demonstrar que não pode ser nem um nem outro; de modo que ambas as maneiras de começar se encontram sujeitas à refutação” (HEGEL, 1956, p. 87). Para Hegel não há como separar o mediato do imediato, “*nada existe* no céu, na natureza, no espírito ou onde seja que não contenha ao mesmo tempo a imediação e a mediação, assim que estas duas determinações se apresentam como *unidas e inseparáveis*” (HEGEL, 1956, p. 88). Deste modo, Marx, ao buscar determinar o ponto de partida da sua exposição, entende que ele deve ser o mais indeterminado em relação à sociedade capitalista, ao mesmo tempo que não deixa de ser o mais determinado do movimento anterior, ou seja, do modo de produção anterior ao sistema capitalista. Isso permite Marx expor o seu pensamento dentro do movimento do real. A contribuição de Hegel para Marx, aqui, é considerar a contradição⁵ como parte do real, logo, como verdadeira, e não como uma falsidade, como determina a lógica formal.

Hegel, desse modo, expõe o processo do movimento, do devir, e da não fixidade das coisas, e permite que Marx pense do mesmo modo; ao explicitar que mediação e imediação estão presentes em tudo que existe, e que se apresentam unidas e inseparáveis.

Somente pela unidade contraditória entre o ser e o devir, entre o lógico e a sua gênese pode-se pensar uma teoria dialética da verdade, uma teoria do desvelamento do mundo que não é somente representação abstrata do real, mas sim, representação concreta, viva, *logos* perpassado pelo histórico e que retorna a este como movimento do negativo, como negação da negação, como *práxis*. (BENOIT, 2003, p. 5)

⁵ “A negação que cada coisa contém, determina o seu próprio ser. A parte material da realidade de uma coisa é constituída pelo que a coisa *não é*, pelo que ela exclui e repele como seu oposto. 'O único modo de *assegurar o progresso científico...* é o conhecimento do preceito lógico que afirma que Negação é também Afirmação, ou que, o que é contraditório não se dissolve em um nada, numa nulidade abstrata, mas somente na negação do seu próprio conteúdo *particular...*” (MARCUSE, 2004, p. 115)

Pode-se observar que o olhar dialético sobre as coisas do mundo permite perceber que os opostos se identificam, não se excluem. “A *Lógica* mostra uma estrutura conceitual necessária da realidade baseada em contradição. Ela mostra que a contradição pertence à natureza mesma das nossas categorias” (TAYLOR, 2014, p. 259). Deste modo, o lógico e o histórico fazem parte da mesma unidade.

Nessa direção, cabe reconhecer, sem dúvida, que em Hegel ocorre, em certo sentido, a unidade entre o lógico e o histórico, e este é seu grande mérito: redescobrir essa possibilidade teórica, inaugurada no pensamento antigo, redescobrir essa possibilidade teórica de unificar o lógico e o devir, o tempo conceitual e o tempo da gênese. (BENOIT, 2003, p. 5)

E é esse aspecto que Marx pretende demonstrar em seu texto, o movimento do real, a contradição necessária para que o movimento se realize, a dificuldade reside aí, em retratar o movimento do real num texto.

A pretensão de Marx é, então, exprimir teoricamente, captar racionalmente, isto é, por meio de uma determinada articulação de categorias, portanto de uma lógica, as relações internas necessárias desta realidade, ou seja, as relações capitalistas historicamente reais, isto é, o movimento sistemático pelo qual o capital se constitui como processo de autovalorização do valor; portanto, trata-se de expor o desenvolvimento conceitual do capital a partir de sua forma elementar, a mercadoria. (OLIVEIRA, 2004, p. 33-35)

E Hegel, em seu texto, apresenta exatamente a relação abstrata entre um saber subjetivo e objetivo como necessária para o progresso da filosofia. Quer dizer, não considera somente o lado objetivo, material e mediato das coisas e sim, também, o seu aspecto subjetivo, o formal e imediato, para que se possa chegar a um conhecimento mais claro da realidade; deste modo critica a ciência materialista por considerar somente os aspectos materiais, determinados e objetivos do mundo (HEGEL, 1956, p. 82). E Marx se apropria do método de Hegel justamente nos seguintes aspectos: primeiro, de como apreender o movimento do real no próprio pensamento; e segundo, de como expor a realidade apreendida teoricamente.

O método dialético ajuda Marx a compreender o próprio real, e entender o processo de autovalorização do valor, isso implica no modo de conceber a realidade:

Para, J. Zelený, Marx concebe princípios universais da realidade. Assim, por exemplo, tudo o que realmente existe atua: existir é atuar (poder-se-ia falar aqui de um “transcendental” no sentido da tradição metafísica). A concepção marxiana das diversas formas de ação está

radicalmente ligada, segundo ele, a dois princípios de sua concepção da realidade: o princípio de unidade do mundo e o princípio de autodesenvolvimento, ou seja, o de que o ser das coisas consiste em estar em movimento, estar num processo de transformação. (OLIVEIRA, 2004, p. 39)

Esse é um aspecto delicado no pensamento de Marx, ao admitir o princípio do autodesenvolvimento acaba se aproximando do idealismo, porém, é bom demarcar aqui que o autodesenvolvimento do real em Marx consiste não numa determinação do pensamento, mas da ação de sujeitos coletivos.

A questão em Marx é ainda mais grave, uma vez que ele se propunha superar o horizonte da ideologia burguesa que teria impedido os economistas clássicos de captar a verdade do modo capitalista de produção, ou seja, o propósito teórico de Marx era desmascarar e destituir os “pressupostos naturais”, considerados evidentes, da análise da economia burguesa que levaram seus intérpretes a uma perpetuação deste modo de produzir, portanto, a sua naturalização. (OLIVEIRA, 2004, p. 39)

Nesse aspecto, Marx demonstra que os economistas de seu tempo, ao admitirem uma naturalização do sistema econômico, quer dizer, ao entenderem as relações econômicas como algo natural, colocando a natureza como determinante das relações de produção, se colocam mais no campo do idealismo, ou da metafísica, do que ele. Pois entendem que a lei natural sobrepõe sobre os homens, diferente de Marx que reconhece o movimento como inerente à realidade, porém ressalta que esse movimento é dado pelos homens conscientes e não por uma determinação natural.

Em virtude da questão da autodeterminação, Hegel dá uma grande importância ao *eu* e à *consciência* na construção do conhecimento, que começa na sua forma abstrata e não finita, e é justamente esse abstrato que possibilita se chegar à forma infinita, que para Hegel significa a forma conceitual. Temos então mais dois aspectos importantes de seu pensamento que influenciou Marx, o conceito associado à forma infinita (HEGEL, 1956, p. 82). A compreensão desses aspectos é necessária para que possamos entender melhor como o método dialético vai do abstrato ao concreto.

Esse lado formal, a forma infinita do conceito (o aspecto infinito do *eu* e da *consciência*), colocado por Hegel diz respeito à lógica que abstrai o conteúdo, a lógica tradicional, quer dizer, à estrutura do pensamento, sem conteúdo determinado. Quando a ciência admite a lógica como a ciência do pensamento, demonstra que entende a forma pura do conhecimento, ou seja, a constituição do pensamento, onde se pode inserir

qualquer conteúdo, seja ele subjetivo ou objetivo, seja imediato ou mediato. Porém, para ela (a ciência), o aspecto finito do *eu* e da *consciência* refere-se ao seu lado objetivo, material; deste modo, despreza o aspecto infinito e subjetivo do *ser*, nesse momento Hegel deixa claro em que aspectos ele discorda da ciência. Para Hegel a lógica não deve abstrair o conteúdo (HEGEL, 1956, p. 58). Hegel critica essa concepção de lógica como uma ciência pura do pensamento, onde o conteúdo é trazido arbitrariamente de fora. Para Hegel, a lógica é uma lógica do *ser*, por isso pode ser concebida como uma ontologia, onde o conteúdo lógico do pensamento é o próprio *ser* e suas determinações.

O *ser*, para Hegel, está no começo, e todo começo é imediato que se determina à medida que é o começo da lógica, do pensamento por ele mesmo (HEGEL, 1956, p. 90). Porém ele (*o ser*) surge de uma mediação, passando do saber puro a um saber finito, definido, mediato. O *ser* se autodetermina, transforma-se, essa autodeterminação de si mesmo é a mediação da qual ele surge. Mas como o começo não deve ter determinação, como o *ser* que é determinado, de alguma forma pode estar no começo? Sua determinação é apenas a possibilidade de autodeterminar-se, a única determinação do *ser* é de ser o começo da lógica, o começo do pensamento como tal.

Hegel expõe o conceito de abstrato como começo absoluto, imediato, sem determinações, sem fundamento, mas, ao mesmo tempo, sendo o fundamento de tudo (HEGEL, 1956, p. 90-91). E é assim que Marx utiliza o conceito de abstrato, por isso começa sua exposição pela categoria mais abstrata, mais simples, mais imediata da sociedade capitalista, o valor da mercadoria. Esse começo abstrato em Marx possui, em si, como pressuposto, a sua forma acabada, complexa. A capacidade de autodeterminar-se está presente em Marx no sentido de que dessa célula elementar, desse abstrato, o conceito desenvolvido se desdobra, não enquanto criador de si mesmo, mas enquanto determinante de uma realidade que já existe. Para Marx esse é o começo, desta forma o primeiro capítulo d'*O Capital* é o mais abstrato de todos, porque é o começo absoluto, pois a partir do estudo do valor da mercadoria, enquanto representante da riqueza da sociedade capitalista, Marx chega ao valor da mercadoria enquanto produto do trabalho. Deste modo, chega à forma mais abstrata e, ao mesmo tempo, a mais geral, de onde desdobram-se as determinações da sociedade capitalista. Quer dizer, a partir da forma valor chega-se, passo a passo, às formas mais determinadas como dinheiro e capital, os quais representam formas mais complexas.

Em Hegel (1956, p. 91), o *ser* puro não pode conter determinações, e ao anexar a si conteúdo automaticamente passa a se diferenciar de outro. A diferença é um tipo de determinação, é um tipo de relação, pois algo só pode ser diferente na relação com um outro. E o começo é justamente a ausência de determinação e de diferenciação, no começo tem-se então o *ser* puro, livre de determinação no sentido de ser tirado das suas relações, sem relação com um outro diferente, sem mediações; e é justamente nesse começo puro e livre de determinações que Marx certamente se inspira para começar sua exposição, sendo assim, tem como ponto de partida o primeiro elemento que dá origem à sociedade capitalista, vale ressaltar que este primeiro é, ao mesmo tempo, o último elemento da sociedade que antecede a sociedade capitalista. É nesse aspecto que muitas vezes não se entende a relação entre Hegel e Marx, entender o começo enquanto fim do momento anterior.

Hegel (1956, p. 91) continua sua exposição sobre o *ser* puro do começo da lógica, e reafirma que este não contém em si nenhuma determinação e nenhuma relação com um outro diferente.

A exposição de Hegel sobre o começo da Filosofia, sobre o começo lógico da ciência e do conhecimento, ajuda Marx a definir o método de exposição de seu pensamento, de suas análises acerca da realidade capitalista. Hegel procura descrever como se dá o processo de exteriorização da Ideia, e Marx chega à conclusão de que a compreensão da realidade da sociedade capitalista só pode ser alcançado pelo próprio pensamento, quer dizer, só pode ser alcançado a partir da análise crítica da realidade, não apenas com o olhar empírico. Isso ocorre em virtude de a realidade não se apresentar aos olhos do homem como realmente é, pois se encontra cheia de distorções, cheia de mistificações, e muito caótica ao primeiro olhar. É por isso que, para Marx, se faz necessário empregar um método crítico de investigação e análise para que a realidade possa ser conhecida.

Sendo assim, o método de Hegel parece ser adequado tanto para entender o real quanto à exposição dessa realidade. O que Marx precisa é de um método que o ajude a expor as conclusões que chegou de sua investigação, e nesse aspecto parece concordar com Hegel quando procura começar sua exposição pelo elemento mais abstrato da sociedade capitalista no intuito de, pouco a pouco, desvendar a sua realidade mais complexa, e parece ser por esse método que Marx passa de uma conceito ao outro, do

valor da mercadoria para o dinheiro e depois para o conceito de capital, todos enquanto representantes da riqueza. “Assim, o progresso de estágio em estágio é um progresso de totalidade em totalidade, em que cada versão subsequente é mais rica e mais concreta, chegando mais perto de uma imagem do que é a totalidade” (TAYLOR, 2014, p. 378). E é deste modo, o começo lógico é o mais simples de tudo tanto em Marx como em Hegel. “Começamos com o simples Ser, no qual temos, em certo sentido, uma imagem da totalidade, porque ele é autorrelacionado” (TAYLOR, 2014, p. 378). A totalidade está sempre pressuposta, mesmo quando tratamos das categorias mais simples.

Hegel procura deixar claro que outras reflexões acerca do começo lógico podem ser acrescentadas, porém não servem de esclarecimento para o entendimento do *ser* puro do começo, muito pelo contrário, outras reflexões que possam ser adicionadas trarão consigo prejuízos, os quais para resolver e compreender a ciência teria que se munir de muita paciência (HEGEL, 1956, p. 91). Esse alerta que Hegel faz em se tentar encontrar e se explicar determinações e diferenciações ainda no começo, no *ser* puro, faz lembrar três questões sobre o problema dos economistas clássicos: o método da ciência empírica que utilizam; a própria crítica que Marx faz à exposição dos mesmos ao tentarem compreender muitas determinações desde o início da exposição; e o problema apontado pelos mesmos da dificuldade e obscuridade do tema ao qual estão tratando. Essas foram as dificuldades que encontram em tentar começar pelo mais complexo.

Mas o que importa para Hegel é entender a natureza do filosofar, do conhecimento, o processo de exposição de ideias que, segundo ele, tem uma natureza especulativa. O começo filosófico, quer dizer, o começo do conhecimento possui uma natureza especulativa, por mais que a *verdade absoluta* seja um resultado, ela passa pelo começo especulativo (HEGEL, 1956, p. 91).

A partir desse ponto, Hegel indica que vai começar a descrever o procedimento lógico em geral, ou seja, o procedimento de como se dá o processo do filosofar desde o início e, com isso, inevitavelmente, acaba por indicar o caminho a ser percorrido no processo do conhecimento. Para ele, o ato de filosofar é um retroceder ao começo, para que os fundamentos possam ser postos (HEGEL, 1956, p. 91-92).

O pôr os fundamentos seria voltar ao começo, nesse percurso de volta, os fundamentos seriam expostos. Para se apreender o fundamento das coisas seria necessário

o caminho de volta ao começo, nesse caminho se identificaria o que fundamenta o resultado, que é o que está no começo, porém este não aparece, pode não estar exposto no final. O começo não é aceito por não aparecer no final, mas seria ele o próprio fundamento? Segundo Hegel, o começo representa a verdade e a primeira verdade. Ou seja, a verdade seria encontrada no começo. Sendo assim, o avançar no processo do conhecimento é o retroceder ao fundamento (HEGEL, 1956, p. 92) enquanto origem, enquanto início. Esse retroceder se torna muito importante para se compreender o resultado, pois mesmo que o começo não esteja explícito no resultado o mesmo está presente nele. O começo faz parte do resultado, deste modo, para que se possa conhecer o resultado é preciso conhecer o que o compõe, daí a necessidade de se retroceder ao fundamento, de voltar ao começo e, pouco a pouco, ir identificando as diversas etapas que levaram ao resultado. E foi isso que Marx procurou fazer em sua exposição, dar um tratamento científico ao começo e, por isso, modificou tanto o primeiro capítulo de sua obra, na tentativa de encontrar o elemento mais simples da sociedade capitalista, e dar o tratamento adequado ao mesmo.

Hegel continua sua exposição sobre o fundamento e lança uma ideia, a qual Marx certamente discorda, que diz respeito à natureza do começo como espírito absoluto que, segundo ele, é a verdade mais concreta que se desprende na forma de um *ser* imediato. Porém, nesse mesmo trecho, ele explica o processo da dialética, parte mais importante para o entendimento do método aplicado por Marx, o qual nos importa agora discutir. Hegel (1956, p. 92) explica o movimento dialético onde o Primeiro se torna o Último e o Último o Primeiro, diz que aquilo que surge primeiro e se apresenta como imediato se determina na criação de um mundo que contém em si o seu próprio desenvolvimento, ou seja, o resultado tem em si o começo, e o começo tem em si o resultado, para Hegel é esse movimento circular que interessa para a ciência mais que o princípio imediato. Neste caso, a dialética hegeliana permite compreender que o começo de um movimento significa o fim de um movimento anterior a este. E assim, Marx, ao buscar o elemento primeiro dessa sociedade ao mesmo tempo entende, assim como Hegel, que o começo capitalista significa também o fim do movimento anterior.

Deste modo, Marx procura encontrar esse primeiro elemento enquanto o mais simples da sociedade capitalista, e faz isso no intuito de desvendar a complexidade da mesma, procurando os seus fundamentos. Porém, diferente de Hegel, Marx não entende que o começo contém o resultado, esse é um aspecto do idealismo hegeliano. Para Marx,

o resultado é fruto das determinações dadas historicamente e de forma alguma estaria pré-determinado no começo, porém, na exposição teórica o resultado está pressuposto no começo. Em Marx, o valor da mercadoria aparece como o elemento mais abstrato, como o imediato, como o princípio, o começo lógico, o qual está contido no resultado, mas que não possui em si o resultado. O resultado contém em si mesmo a história da humanidade, quer dizer, no resultado encontramos as determinações históricas que levaram a ele mesmo. O valor da mercadoria enquanto princípio do capitalismo é ao mesmo tempo resultado histórico das diversas formas anteriores de valor. É nesse sentido que o primeiro e o último elemento se misturam, o começo da sociedade capitalista é, ao mesmo tempo que um começo simples, o elemento mais avançado de todos os tempos até então, ou seja, ele representa o resultado do desenvolvimento das forças produtivas da humanidade.

Agora vale ressaltar que no que diz respeito ao modo de exposição podemos dizer que o começo pressupõe o fim, pois esse fim já é conhecido. Neste caso, o começo não determina os fatos, muito pelo contrário eles já ocorreram, a questão agora é sobre como expor uma dada realidade. Neste ponto podemos perceber que o caminho expositivo de Marx, ou seja, o seu caminho teórico nem sempre coincide com o caminho histórico, à medida que o começo pressupõe um fim que já ocorreu. Só volta ao começo mediante o fim. Ao se referir à sociedade capitalista que tem como embrião o valor da mercadoria, Marx não se refere a esse início como criador do sistema, mas como o que junto às determinações históricas estabeleceu condições que permitiram o surgimento do capitalismo.

Em Marx, ao contrário do que ocorre em Hegel, a gênese histórica é pressuposto inscrito nas próprias formas lógicas. A gênese histórica sendo pressuposto para a lógica, o “motor das 'categorias'”, ou melhor, a 'potência dos gêneros' não é o Ser-Um, o *lógos* divino que se desdobra, mas sim, o que foi posto historicamente como fundamento. Nesse sentido, o modo de exposição de *O capital* é uma obra-prima de manifestação do fundamento. (BENOIT, 2003, p. 6)

Deste modo, em Marx, o valor da mercadoria não faz o papel de determinante, ele faz o papel de gênese, de origem, que junto a dadas condições históricas deu origem ao sistema capitalista de produção, e que se houvesse diferentes determinações históricas certamente daria origem a outros sistemas diferentes.

Na exposição de Marx, a forma valor da mercadoria é o fundamento da sociedade capitalista de produção, quer dizer, a primeira está contida na segunda, uma é o resultado

da outra. Sendo assim, o elemento valor da mercadoria é a forma mais abstrata do complexo sistema capitalista. Esse é o começo da exposição, o aspecto mais elementar da sociedade, e que ao mesmo tempo está contido no fim. Neste caso, só é possível identificar o mais elementar se já possuo o resultado, o mais complexo, isto é, só posso começar pelo simples se o complexo já estiver posto historicamente.

E, assim, Marx começa sua exposição pelo seu elemento mais simples, o valor da mercadoria, e segue em direção aos elementos mais complexos, que são os desdobramentos da mesma, o dinheiro e o capital. O que significa dizer que o valor para Marx é o fundamento de tudo o que segue, e está sempre presente nos elementos mais complexos ao longo de seu desenvolvimento teórico.

O mérito de Hegel está no fato de ele ter tematizado o contexto sistemático das categorias do pensamento humano, sua auto-organização lógica, partindo da mais pobre entre elas, a mais indeterminada, que não contém pressuposições a serem explicitadas, até chegar a uma categoria última capaz de fundamentar a validade de todo o cosmo de categorias precisamente porque esta última categoria, através da eliminação de todas as contradições, se revela como síntese plena de conceito e realidade, e assim fundamenta a pretensão das categorias de dizer o real. (OLIVEIRA, 2004, p. 42-43)

Aqui temos o início da exposição do método dialético usado por Marx que avança de um começo lógico, simples, abstrato, em direção às determinações mais complexas e, portanto, concretas da sociedade capitalista.

Hegel (1956, p. 92-93) explica o método dialético do avançar de um começo imanente e o porquê desse começo ser o fundamento de tudo o que segue. Sendo o que se encontra no começo e que está presente em todos os outros momentos posteriores, mesmo que não esteja exposto, ele está pressuposto em todo o resto. Essa ideia de fundamento está presente em Marx também, o qual pode aparecer nos mais diversos momentos: como exposto ou como pressuposto.

Para se compreender o movimento do fundamento, ao longo da exposição teórica de Marx, é preciso entender a dialética hegeliana, compreender que não existe cisão entre as coisas, o que ocorre é uma mudança na relação, na posição, mas que tudo está presente mesmo não estando exposto num determinado momento, mesmo não aparecendo, o que consiste em não perder de vista a visão do todo. Entender isso é compreender o movimento circular de que as coisas voltam ao ponto inicial, porém, nunca iguais ao

momento anterior, nunca iguais em conceitos e determinações, entretanto numa mesma estrutura que permite o recomeçar, que permite o fim e um novo começo.

O avançar faz com que o começo perca a qualidade de imediato e de abstrato e passe a ter determinações, conteúdo, ou seja, transforme-se em um mediato, esse é o movimento progressivo da ciência, o avançar do abstrato ao concreto, do imediato para o mediato, do sem determinação para a determinação (HEGEL, 1956, p. 93), significa sair de uma condição indefinida para uma definida. No que diz respeito ao processo do conhecimento significa partir do mais simples para o mais complexo. O avançar significa o movimento, o desenvolvimento, e no que diz respeito ao conhecimento, à ciência, é o ganhar conteúdo, significa o ganhar características, significa o desenvolvimento do conceito, a definição, a determinação, a diferenciação do outro. O determinado contém em si o indeterminado, não perde o começo, porque o começo está sempre presente, pressuposto; todo fim tem em si um começo pressuposto e, assim, o movimento progressivo da ciência toma a forma de um círculo. O fim resulta no que constitui o começo, não é o mesmo começo, mas um novo começo, um novo fundamento do próximo movimento.

O começo, o saber puro, oferece apenas a determinação negativa de não possuir determinação, considerando o começo abstrato como o começo da filosofia, sendo esse começo aquele momento em que a coisa mesma não existe ainda, da mesma forma o começo da filosofia é algo que ainda não é. Sobre isso, Hegel continua:

Posto o fato de o começo ser o começo da filosofia, não pode, na realidade, deduzir-se dele nenhuma determinação mais exata, ou um conteúdo positivo para ele mesmo. Pois neste caso, o começo, em que a coisa mesma não existe ainda, a filosofia é uma palavra vã ou qualquer representação que se admite, mas, ainda não justificada. O saber puro oferece somente esta determinação negativa que deve ser o começo abstrato. Quando o ser puro é tomado como conteúdo do saber puro, este tem que se retirar de seu conteúdo, deixá-lo atuar por si mesmo e não o determinar mais. (HEGEL, 1956, p. 94)

Conforme Hegel (1956, p. 94), no começo a filosofia é algo vazio, vão, abstrato, que ainda não possui justificção, que não possui conteúdo ou determinação, sendo qualquer representação que se admite. Conforme Stace (1955, p. 135), “Ser é a primeira categoria [...] É o mais alto grau de abstração possível. De onde todo caráter, todas as determinações de qualquer espécie, foram trazidas. Portanto ser não possui características e é totalmente vazio”. Desta forma, o começo é sempre abstrato, é o ser puro, e este como

conteúdo do saber puro designa a não determinação. Entretanto, ao mesmo tempo, acaba por se retirar de seu conteúdo de não determinação, deixando o saber puro atuar por si mesmo, e não mais o determinando como algo sem determinação. A partir daí, o processo de autodeterminação do saber puro entra em cena.

O começo, o abstrato, o simples, o puro, o sem determinação, em Hegel, dão origem a algo, à determinação (HEGEL, 1956, p. 95). O *ser* e o *nada* formam, assim, uma unidade inseparável, isso é a dialética, a inseparabilidade de coisas que parecem opostas, mas que se complementam, uma dando origem à outra. No *ser* há não-*ser* e no não-*ser* há *ser*. Por isso, para Marx, é possível se chegar à essência, partindo da própria aparência, ou seja, partido da própria existência, da ilusão que aparece aos olhos do homem comum, pois essa ilusão, essa falsidade contém parte do real, contém o ser em si, nos dá pistas sobre o real⁶. E esse é o percurso que Marx segue, parte de uma realidade aparente, falsa, parte do *nada* (do *ser* sem determinação) em direção ao *ser* (determinado), ao real, ao verdadeiro. Parte do *nada* no sentido no não-*ser*, no sentido de partir de algo aparente que ainda não é tido como verdadeiro, para só depois chegar ao concreto dado pelo pensamento. Esse nada, esse não-*ser* da aparência do valor da mercadoria enquanto valor de troca é o caminho para se alcançar o *ser*, o conhecimento verdadeiro sobre a mesma.

O começo significa o não-*ser* se transformando em *ser*, deixando de ser não-*ser* para se tornar *ser*, desta forma o *ser* e o *nada* estão presentes no começo; o *nada* deixando de ser e o *ser* se tornando *ser* (HEGEL, 1956, p. 95). Sendo assim, no *nada* está pressuposto o *ser*, e no *ser* está pressuposto o *nada*, porque o *nada* dá origem ao *ser* e o *ser* vem do *nada*, essa é a primeira relação, e pode-se pensar mais adiante que quando o *ser* desaparece dá origem ao *nada*, isso significa dizer que o *nada* também está presente no *ser*, porque dele veio e a ele voltará. Esse é o movimento circular que Hegel identificou nas coisas, na filosofia, na ciência, no conhecimento, no mundo. Identificou o movimento das coisas e do próprio pensamento. E é justamente esse o método que Marx se apropria de Hegel, o método dialético da ciência, da lógica, do conhecimento, do pensamento, do movimento do mundo. Marx usa-o para expor seu pensamento, sua filosofia, seu

⁶ Segundo Rubin (1987, p. 19-20), Marx viu “relações humanas, por trás das relações entre coisas, revelando a ilusão da consciência humana que se origina da economia mercantil e atribui às coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção. [...] Marx não mostrou apenas que as relações humanas eram encobertas por relações entre coisas, mas também que, na economia mercantil, as relações sociais de produção assumem inevitavelmente a forma de coisas e não podem ser expressas senão através de coisas.”

conhecimento sobre a sociedade capitalista, e faz isso principalmente no primeiro capítulo d'*O Capital* “inacabado” (como muitos consideram), devido à busca incessante de um começo científico e o mais abstrato possível, que pudesse apresentar os aspectos mais gerais dessa sociedade.

O *ser* e o *nada* parecem contrários, pois um representa o oposto do outro, porém formam uma unidade por um estar pressuposto no outro. O começo em Hegel é a unidade dos contrários, ou seja, no começo o *ser* e o não-ser não se diferenciam, estão unidos (HEGEL, 1956, p. 95-96).

Porque o ser é, portanto, totalmente vazio, portanto, é equivalente a nada. O pensamento de nada é simplesmente o pensamento da ausência de toda determinação. Quando pensamos em algo, só podemos pensar em virtude de ter esta ou aquela determinação, tamanho, forma, cor, peso, etc. O que não tem determinações de qualquer tipo é um vazio absoluto, nada. E porque o ser é, pela sua própria definição a ausência de determinação, não é nada. (STACE, 1955, p. 135)

O *ser* e o não-*ser*, o *ser* distinto e o *ser* indistinto estão presentes no começo, juntos, unidos, formando o conceito de unidade; e a análise do começo é a análise dessa junção. Entender o absoluto é entender essa unidade. O absoluto é colocado por Hegel aqui como o começo que contém em si o *ser* e o não-*ser*.

Em contrapartida, na ciência, o começo absoluto deve ser algo conhecido, logo, sendo algo conhecido possui determinações, mas sendo o começo é dado como imediato. Se o começo for um concreto, ele é dado como imediato, mesmo não o sendo; só é imediato na relação que é posto, a relação primeira do começo (HEGEL, 1956, p. 96). Hegel, aqui, admite um começo concreto, porém colocado numa relação de imediato. Mas como colocar algo concreto numa relação de imediato? Interessante notar que Marx começa sua exposição em *O Capital*, pela categoria vista por ele como a mais simples da sociedade capitalista, a partir da mercadoria, chega ao seu valor, encontra um aspecto abstrato em um elemento que é concreto, que possui determinações. No começo da exposição parte da mercadoria, destacando seu aspecto puro, simples, e abstrato que é o seu valor, para só depois avançar ao longo dos capítulos imprimindo mais determinações ao valor. Partiu do simples ao complexo, do *abstrato* ao *concreto*. Sendo assim, no início da exposição, a mercadoria se apresenta em seu aspecto abstrato que é o seu valor. Porém, enquanto realidade material e determinada ela se apresenta como concreta e complexa, ao mesmo tempo que sendo considerada o ponto inicial e elementar de um novo

movimento, de um novo desenvolvimento, como é o caso do desenvolvimento do capital, a mercadoria se converte em algo simples, neste caso, abstrato, pois está livre de suas determinações posteriores.

O concreto possui determinações que vêm das suas representações imediatas, ou seja, as determinações resultam do imediato (HEGEL, 1956, p. 97). O mediato surge do imediato. O resultado é fruto do que há no início. As determinações que aparecem no movimento já estavam presentes desde o começo. Em Marx, o resultado só está no começo no que diz respeito ao modo de expor o pensamento, sendo assim, podemos afirmar que o resultado está pressuposto no começo. Neste caso, estamos falando do começo da exposição e não do começo histórico, logo, a forma capital ainda não estava historicamente presente na forma valor da mercadoria, mais conceitualmente quando usamos a forma valor da mercadoria para explicar a forma capital, esta já está pressuposta, quer dizer, presente na forma valor da mercadoria.

O concreto é uma unidade sintética de elementos que se determinam. A relação contida na unidade sintética é necessária enquanto não é percebida, pois quando passa a ser vista, deixa de ser unidade sintética, deixa de ser sem determinação e passa a ter determinação, transforma-se em um concreto. O concreto, ao mesmo tempo, é produzido pelo movimento dos momentos que fazem a unidade, mas não é a unidade. O movimento sintético é contrário ao movimento analítico, o movimento da unidade é um movimento sintético, de união, de agregação. O movimento analítico é exterior ao sujeito e incide sobre ele, já o movimento da unidade sintética está no próprio sujeito. Hegel aqui parece querer demarcar que o movimento sintético é intrínseco ao sujeito, ao *ser*.

Hegel nega a possibilidade de um concreto no começo, porque no começo não deve haver relação, ou mediação (HEGEL, 1956, p. 97). No começo não deve ter um primeiro e um outro, porque no começo não há relação, uma relação é uma mediação entre elementos, sendo o começo uma unidade não há como existir elementos em relação. Se o começo pudesse ser um concreto, este seria um concreto convertido em simples, e parece ter sido isso que Marx fez com a mercadoria, transformou-a em concreto convertido em simples, para que pudesse ser conhecido mais profundamente.

Sobre esse aspecto podemos dizer que Marx, em sua exposição, partiu de um concreto, de algo material, empírico e o converteu em simples, pois sendo a realidade

material por si só complexa, determinada, para começar sua exposição, Marx precisava converter esse complexo em algo simples. Para isso, aplicou o método da abstração, separou as partes e analisou-as começando pela mais elementar, tornou o complexo, simples. Sendo assim, começou sua exposição pelo conceito de riqueza, e fez o giro argumentativo para a categoria mercadoria, ambas realidades complexas, determinadas, materiais. Porém, para servirem ao começo da exposição precisavam ser convertidas em categorias simples e, a partir do método de abstração, Marx encontrou o seu elemento abstrato que é o valor da mercadoria.

Se para Hegel o começo é algo que não pode ser analisado, pois deve ser considerado como simples, imediato, desprovido de conteúdo, de determinações, ou seja, é algo que não pode ser conhecido, pois o conhecido possui determinações, conteúdo. Assim, Marx parte de um concreto, ou seja, de algo que pode ser conhecido, mas que para ser conhecido em profundidade é preciso ser considerado desde sua imediaticidade, desde sua origem, desde o seu momento mais simples.

Hegel admite a dificuldade de se começar pelo começo, visto que o começo é abstrato. Em vez de se começar pelo abstrato, pensa na possibilidade de se começar pela coisa, entretanto, a coisa também é o vazio do começo, nela também está contido o *nada* (HEGEL, 1956, p. 97). A coisa resulta do curso da própria ciência, ou seja, é resultado do movimento, porém só pode ser conhecida no movimento, e não antes dele. Começar pela coisa significa, então, começar pelo seu movimento primeiro. Neste ponto, podemos entender a dialética proposta por Hegel que é usada por Marx como um método de exposição do pensamento. Porém, diferente de Hegel, a passagem do abstrato ao concreto, ou seja, o processo de apropriação do real pelo pensamento, “de forma alguma é um processo de gênese do próprio concreto” (MARX, 2011, p. 55).

Marx, ao começar sua exposição pelo conceito de riqueza, que é representado pela coisa mercadoria, parte de algo material, real, concreto, visto pelos olhos, e ao mesmo tempo geral, indeterminado, no sentido de que a mercadoria para ser mercadoria precisa ser antes de tudo ser uma coisa. Deste modo, Marx expõe o conceito de riqueza, ou o conteúdo da riqueza, partindo dos conceitos mais simples e gerais pressupostos no mesmo. Parte de um concreto, não enquanto síntese de múltiplas determinações, mas de um concreto efetivo, para só depois chegar ao concreto pensado [*Gedankenkonkretum*]

(MARX, 2011, p. 54). Desta maneira, procurou seguir o caminho da lógica dialética posta por Hegel.

O uso que Marx faz da dialética hegeliana o ajuda a expor categorias complexas e aparentemente inacessíveis numa construção teórica brilhante. Expõe de forma detalhada e minuciosa as entranhas do sistema capitalista de produção, desdobrando o conceito de riqueza a partir do método dialético, partindo do mais simples ao mais complexo, do mais aparente, do exterior ao interior, à essência.

REFERÊNCIAS

BENOIT, Hector. Da lógica com um grande “L” à lógica de O Capital. In: *Marxismo e Ciências Humanas*, FAPESP/Cemarx, IFCH-UNICAMP, São Paulo, 2003.

FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política / Investigação para uma reconstituição do sentido da dialética*. - Tomo III. São Paulo : Ed. 34, 2002.

GRESPLAN, Jorge. *O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política*. - 2ª ed. - São Paulo : Expressão Popular, 2012.

HEGEL. *Ciência de la Lógica*. [tradução direta do alemão Augusta e Rodolfo Mondolfo] Volume I e II. Buenos Aires: Libreria Hachette S.A, 1956.

_____. *Ciência da lógica: (excertos)*. [seleção e tradução Marco Aurélio Werle] São Paulo : Barcarolla, 2011.

HYPOLITE, Jean. *Studies on Marx and Hegel*. [translated, with an Introduction, Notes, and Bibliography, by John O'Neill] New York, Evanston, San Francisco, London : HARPER TORCHBOOKS, 1973.

MARCUSE, Hebert. *Razão e Revolução: Hegel e o advento da teoria social*. [tradução de Marília Barroso] São Paulo : Paz e Terra, 2004.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 – 1858 : esboços da crítica da economia política*. [tradução de Mário Duayer e Nélio Schneider] São Paulo : Boitempo, 2011.

_____. *Marx-Engels Correspondence 1858*.

In: <http://marx.libcom.org/works/1858/letters/58_01_16.htm> Acessado em 14 de agosto de 2015.

_____. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro Primeiro, vol. I, Tomo I, São Paulo: Nova Cultural, 1996. Coleção *Os Economistas*.

_____. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção *Os Pensadores*.

MÜLLER, Marcos Luiz. Exposição e Método Dialético em ‘O Capital’. In: *Boletim da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas*. Belo Horizonte, 1982. v.2, p.17-41.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Dialética Hoje: lógica, metafísica e historicidade*. São Paulo : Loyola, 2004.

RUBIN, Isaac I. *A Teoria Marxista do Valor*. São Paulo : Polis, 1987.

STACE, W. T. *The Philosophy of Hegel: A systematic expositions*. Toronto and London : Dover Publications, 1955.

TAYLOR, Charles. *Hegel: sistema, método e estrutura*. [tradução de Nélio Schneider] São Paulo : Realizações Editoras, 2014.

A DIALÉTICA D'O CAPITAL ENQUANTO CRÍTICA AO IDEALISMO

ZELÉNÝ, Jindrich. *La Estructura Lógica de El Capital de Marx*. México : Ediciones Grijalbo, 1978.